

Governo Dilma e o desempenho da economia brasileira: Mediocridade esférica

Reinaldo Gonçalves¹
27/2/2014

Introdução

Sob qualquer ângulo que se analise a geração de renda no Brasil durante o governo Dilma chega-se à mesma conclusão: resultado medíocre. Portanto, o governo Dilma é a própria mediocridade esférica quando se trata da evolução do Produto Interno Bruto (PIB). A divulgação da taxa de crescimento do PIB brasileiro de 2,3% em 2013 consolida essa conclusão.

Esse texto trata de analisar empiricamente a hipótese de mediocridade esférica do governo Dilma Rousseff no que se refere ao desempenho da economia brasileira. Esse desempenho é medido pela taxa de variação do PIB. A hipótese é demonstrada por indicadores cardinais e ordinais que comparam a taxa de variação do PIB real durante o governo Dilma Rousseff com:

- 1) o crescimento do PIB real no Brasil nos outros 29 mandatos presidenciais;
- 2) as taxas de variação do PIB real no conjunto da economia mundial segundo o mandato presidencial;
- 3) as taxas de variação do PIB real no conjunto dos países em desenvolvimento; e,
- 4) as taxas de variação do PIB real no conjunto dos países da América Latina e do Caribe.

Portanto, trata-se da comparação multivariada que envolve: a experiência histórica brasileira; o conjunto da economia mundial; o subconjunto de países em desenvolvimento; e o subconjunto regional de países. Essas comparações abarcam, de fato, cálculos de hiato de crescimento econômico do Brasil em períodos diferentes e com referenciais distintos e complementares.

O texto discute, ainda que brevemente, as principais hipóteses sobre os determinantes da mediocridade esférica do governo Dilma. Cinco são os determinantes: conjuntura internacional desfavorável; políticas econômicas equivocadas e ausência de reformas; déficit de governança; nulidade de liderança da presidenta; e deficiências do modelo de desenvolvimento adotado.

¹ Professor titular de Economia da UFRJ. Autor do livro *Desenvolvimento às Avessas* (Rio de Janeiro: LTC, 2013). Portal: <http://www.ie.ufrj.br/hpp/mostraArtigos.php?idprof=77&cat=1>. E-mail: reinaldogoncalves1@gmail.com.

1. Mediocridade esférica

As taxas observadas crescimento do PIB real foram de 2,7% em 2011, 0,9% em 2012 e 2,3% em 2013. Na terceira semana de fevereiro de 2014 as previsões informam taxa média de crescimento do PIB real de 1,8% em 2014, conforme o QUADRO 1. Essas taxas implicam crescimento médio anual de 2,0% em 2011-13 e 1,9% em 2011-14.

Esses dados permitem a comparação entre a taxa de variação do PIB real (média geométrica) segundo os mandatos presidenciais. Como mostra o QUADRO 2, no governo Dilma a taxa média anual de crescimento do PIB é 1,9% (2011-14). Essa taxa é significativamente menor do que a taxa secular (1890-2014) da economia brasileira (4,4%). Ou seja, a “taxa Dilma” é cerca de 40% da taxa média de todo o período republicano.

Ademais, no conjunto de 30 mandatos, Dilma Rousseff ocupa a 28ª posição. Vale destacar que o governo Dilma tem o terceiro pior desempenho da história republicana (só não perde para os governo de Fernando Collor e Floriano Peixoto). No primeiro houve crise política e institucional (impedimento) e no segundo houve guerra civil (a capital federal foi sitiada e bombardeada durante seis meses). Não é preciso uma análise muito profunda para se reconhecer que os protestos populares, que têm ocorrido desde meados de 2013, refletem, em boa medida, o desempenho medíocre da economia e a crise de legitimidade do Estado.²

Não há dúvida que, durante o governo Dilma, o desempenho da economia brasileira pode ser visto como a apoteose da mediocridade pelos padrões históricos brasileiros. Os dados do QUADRO 3 permitem a classificação dos 30 mandatos presidenciais segundo o número de anos necessários para a duplicação do PIB. Naturalmente, este tipo de classificação está aberto a controvérsias. Entretanto, o objetivo é simplesmente analisar o desempenho atual da economia brasileira em perspectiva histórica.

No período republicano quatro presidentes são responsáveis por taxas de variação do PIB real que implicam mais de 30 anos para a duplicação do PIB (QUADRO 4). Os governos que atingiram a apoteose da mediocridade são: Floriano Peixoto (-7,5); Fernando Collor (-1,3%); Venceslau Brás (2,1%); e Dilma Rousseff (1,9%). No período republicano o

² Reinaldo Gonçalves. *Déficit de governança e crise de legitimidade do Estado no Brasil*. 13 de julho de 2013.

Disponível:

http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/texto_deficit_de_governanca_e_crise_de_legitimidade_r_goncalves_13_07_13.pdf.

Brasil precisa, em média, 16 anos para duplicar o PIB, enquanto que com a “taxa Dilma” o país só duplica o PIB real em 37 anos!

Comparativamente ao conjunto dos países que compõem a economia mundial o desempenho do governo Dilma também é medíocre. As taxas anuais de variação do PIB real do Brasil e da economia mundial (média simples e mediana) são apresentadas no QUADRO 5. A diferença entre a taxa de variação do PIB real do Brasil e do mundo (média simples e mediana) é o hiato de crescimento, que é apresentado no QUADRO 6. Esse Quadro mostra que os piores desempenhos da economia brasileira no período republicano são nos governos Floriano Peixoto, Collor, Goulart e Dilma Rousseff. Vale notar que houve guerra civil no governo Floriano, impedimento no governo Collor, golpe de estado no governo Goulart e expressivos protestos populares no próprio governo Dilma. Nesses governos a economia brasileira “anda para trás” em alta velocidade!

Assim, o governo Dilma é o quarto pior no período republicano e durante este governo a economia brasileira “anda para trás” em alta velocidade. Para ilustrar, no período 2011-13 a economia brasileira cresceu 2,0% a.a. enquanto a economia mundial cresceu 3,5% a.a. (média simples das taxas anuais de 188 países da base de dados do FMI); portanto, o hiato de crescimento médio é -1,5%. No período 2011-14 as taxas são 1,9% e 3,7% respectivamente e, portanto, o hiato é -1,8%. Os cálculos com as medianas das taxas de variação do PIB do conjunto dos países da economia mundial confirmam os resultados acima: pelos padrões históricos brasileiros e internacionais, o governo Dilma tem desempenho medíocre visto que ocupa a quarta pior posição no período republicano.

Cabe complementar a avaliação acima com a apresentação da posição média do Brasil no *ranking* mundial padronizado (percentil) segundo o mandato presidencial em todo o período republicano. O QUADRO 7 mostra que o governo Dilma tem percentil de 33% (2011-13) e 30% (2011-14). Isto significa que o dado ordenado (taxa de variação do PIB real) do Brasil é maior do que os últimos 33% dos dados ordenados de forma decrescente no período 2011-13 e 30% no período 2011-14. Ou seja, neste último caso, 70% dos países da amostra têm desempenho superior ao da economia brasileira. Portanto, tanto os indicadores cardinais como os ordinais apontam claramente para o desempenho ruim da economia brasileira durante o governo Dilma.

Os resultados acima permitem descartar a hipótese de que a conjuntura internacional desfavorável tem peso relevante na explicação do desempenho ruim da

economia brasileira. Ou seja, em outras fases (e mandatos presidenciais) a conjuntura internacional impôs restrições, porém, a combinação de estratégias e políticas adequadas permitiu ao país superar essas restrições.

Essa conclusão é reforçada quando se compara o desempenho da economia brasileira durante o governo Dilma com o desempenho do conjunto dos países em desenvolvimento. Então, é ainda mais evidente o péssimo desempenho do Brasil. Como mostra o QUADRO 8 a taxa média de crescimento econômico do Brasil no governo Dilma (1,9%) é menor do que a metade da taxa média (simples) de crescimento do conjunto de 152 países em desenvolvimento (4,3%). Portanto, o hiato de crescimento — a diferença entre a taxa de variação do PIB real do Brasil e do conjunto dos países em desenvolvimento (média simples e mediana) — é -2,4% no período 2011-2014; ou seja, ainda maior do que o hiato em relação ao conjunto da economia mundial (-1,8%). No período 2011-13 o hiato médio é não é significativamente diferente.

Em todos os anos do período 2011-14 a taxa de crescimento do PIB brasileiro é menor do que a média e a mediana das taxas de crescimento do PIB dos países em desenvolvimento. Ademais, a posição média do Brasil no *ranking* mundial de países em desenvolvimento é 119 em amostra de 152 países. No *ranking* padronizado (de zero a 100 - percentil) o Brasil ocupa a 22ª posição, ou seja, 78% dos países em desenvolvimento têm desempenhos econômicos superiores ao do Brasil durante o governo Dilma.

Quando se faz a comparação com o conjunto de economias da América Latina e do Caribe (32 países), os resultados continuam ruins (QUADRO 9). No período 2011-14 a taxa média de crescimento econômico do Brasil no governo Dilma (1,9%) é significativamente menor do que a taxa média (simples) de crescimento do conjunto de 32 países da América Latina e do Caribe (3,2%). Em todos os anos do período 2011-14 a taxa de crescimento do PIB brasileiro é menor do que a média e a mediana da taxa de crescimento do PIB dos países da América Latina e Caribe. O hiato de crescimento é negativo (média = -1,2% e mediana = -1,4%). Portanto, durante o governo Dilma o Brasil “anda para trás” em relação ao conjunto dos países da América Latina e Caribe.

A posição média do Brasil no *ranking* de países é 22 em amostra de 32 países. No *ranking* regional padronizado o Brasil ocupa a 33ª posição, ou seja, 67% dos países da região têm desempenho superior ao do Brasil no período 2011-14. No período 2011-13 a diferença é marginal (o Brasil ocupa a 21ª posição). Mais uma vez, cai por terra a grande importância

relativa atribuída à conjuntura internacional para explicar o desempenho medíocre da economia brasileira durante o governo Dilma.

Em síntese, a evidência é conclusiva: mediocridade esférica do governo Dilma. Sob qualquer ângulo a economia brasileira tem desempenho medíocre durante o governo Dilma. O desempenho ruim ou péssimo é constatado segundo diferentes comparações e perspectivas: histórica brasileira, histórica internacional; conjuntura internacional; países em desenvolvimento; e perspectiva regional. Tanto os indicadores cardinais como os ordinais apontam claramente para o desempenho medíocre do governo Dilma.

2. Determinantes da mediocridade esférica

Esta seção examina, ainda que brevemente, as principais hipóteses sobre os determinantes da mediocridade esférica do governo Dilma. Cinco são os determinantes: conjuntura internacional desfavorável; políticas econômicas inadequadas e ausência de reformas; déficit de governança; nulidade de liderança da presidenta; e deficiências do modelo de desenvolvimento adotado.

2.1 Conjuntura internacional

A evidência empírica apresentada nesse texto descarta, de forma definitiva, a responsabilidade atribuída à conjuntura internacional para explicar o desempenho medíocre da economia brasileira durante o governo Dilma. As comparações com o conjunto da economia mundial, dos países em desenvolvimento e dos países da América Latina e do Caribe mostram o desempenho medíocre da economia brasileira durante o governo Dilma.

2.2 Políticas econômicas equivocadas e ausência de reformas

Críticos mais conservadores e liberais têm focado nas políticas econômicas equivocadas e na incapacidade ou falta de vontade política do governo Dilma de realizar determinadas reformas que reduziram a ineficiência sistêmica observada na economia brasileira. Nessa área a crítica é abundante e deve crescer ainda mais durante a campanha eleitoral. As principais políticas econômicas que têm merecido críticas são: fiscal, cambial, monetária, creditícia e industrial.

No que se refere às reformas de ajuste do modelo econômico, as mais mencionadas por conservadores e liberais são: tributária (simplificação e redução da carga tributária), previdenciária (redução de benefícios), administrativa (facilitar o ambiente de negócios) e trabalhista (maior flexibilização).

Se, por um lado, há grande convergência no que se refere à incompetência na gestão econômica, por outro, não é evidente que as reformas liberalizantes pavimentem o caminho para o maior crescimento da economia. Ou seja, “reforminhas” liberalizantes podem ser inócuas ou até mesmo nocivas. Por outro lado, a não repetição dos recorrentes e inúmeros erros na gestão econômica durante o governo Dilma pode, certamente, contribuir para o crescimento do país. Portanto, as falhas de governo Dilma têm papel importante do desempenho da economia brasileira no período 2011-14. Não é por outra razão que, recorrentemente, a imprensa internacional tem “pedido a cabeça” de autoridades da área econômica.

2.3 Déficit de governança

Governança abarca a capacidade de executar políticas e a eficácia de atingir os resultados de interesse da coletividade. Governança depende, entre outros fatores, da governabilidade.³ A governabilidade, por seu turno, reflete as condições sob as quais ocorre a ação estatal.⁴

O déficit de governança decorre de escolhas erradas feitas pelos grupos dirigentes e pelos setores dominantes. O Brasil embrenha-se em trajetória de Desenvolvimento às Avessas. Esta trajetória é marcada, na dimensão econômica, por: fraco desempenho; crescente vulnerabilidade externa estrutural; transformações estruturais que fragilizam e implicam volta ao passado; e ausência de mudanças ou de reformas que sejam eixos estruturantes do desenvolvimento de longo prazo. Nas dimensões social, ética, institucional

³ Na revisão das teorias sobre os determinantes da não-governabilidade, Pasquino (1994) destaca três correntes: desequilíbrio ou crise fiscal; desarranjo institucional; e crise de gestão administrativa (governança). Segundo Gonçalves (2005) governança é um termo mais amplo do que governabilidade visto que inclui também as relações entre atores sociais e políticos; ou seja, estas relações afetam formas e resultados da ação governamental. Ver GONÇALVES, Alcindo. O conceito de governança. XIV Congresso CONPEDI - Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito (2005). Disponível: <http://conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/XIVCongresso/078.pdf>. 2005. Acesso: 29 de junho de 2013.

⁴ Para uma revisão da literatura sobre o tema ver MIMICOPOULOS, Michael G. *Public Governance Indicators: A Literature Review*. United Nations, Department of Economic and Social Affairs, ST/ESA/PAD/SER.E/100, 2007. Para uma definição mais ampla, que envolve a governabilidade, ver KAUFMANN, Daniel; KRAAY, Aart; MASTRUZZI, Massimo. *The Worldwide Governance Indicators. Methodology and Analytical Issues*. The World Bank. *Policy Research Working Paper* No. 5430, 2010, p. 4. Este texto também apresenta a metodologia do Banco Mundial de indicadores de governança.

e política desta trajetória observa-se: invertebramento da sociedade; deterioração do *ethos*; degradação das instituições; e sistema político corrupto e clientelista.

Não há como descartar a responsabilização do governo Dilma pelo aprofundamento do processo de Desenvolvimento às Avessas que resultou na crise de legitimidade do Estado, nos protestos populares e na crise institucional. O déficit de governança é, simplesmente, consequência desse processo.

2.4 Dilma Rousseff: Nulidade de liderança

Logo após a eleição de Dilma Rousseff, analistas independentes já previam os riscos do futuro governo: *“Dilma foi escolhida mais pelos seus defeitos do que por eventuais virtudes. Foi escolhida por ter se mostrado como, talvez, a mais dócil serviçal no governo em que Lula era o centro do poder. Lula mandava e o resto obedecia. Ela é e será uma presidenta frágil, sem uma base própria de poder. O poder para ser efetivo tem que ser conquistado. O poder recebido é raso, oco, simbólico. Alguns elementos apontam nesta direção: 1) Dilma era totalmente desconhecida antes de ser levada por Lula para Brasília em 2003; 2) ela foi escolhida a dedo por Lula para ser candidata à presidência da República, isto é, ela não disputou esta escolha; 3) os escabrosos arranjos políticos para obtenção de apoio das oligarquias e partidos foram costurados por Lula e pelos articuladores subordinados a Lula; 4) o próprio esquema da campanha milionária à presidência estava fora do alcance de Dilma; 5) toda a força política real da presidência da República é mediada por figuras que Lula indicou para cargos-chave no executivo federal e que são, praticamente, seus serviçais; 6) Dilma está fora do comando das articulações com o congresso, as centrais sindicais, as oligarquias, os bancos, o agronegócio, o núcleo duro do grande capital e os partidos que se tornaram empresas por cotas limitadas (controlados por grupos dirigentes que são dublês de mercadores); e 7) Lula continuará controlando o caixa e os esquemas de financiamento do PT, que são fundamentais não somente para controlar o próprio PT como para o financiamento de campanhas eleitorais regadas a dinheiro. Para Dilma sobrar o simbolismo do poder. **Um dos riscos é que, no contexto de grave crise econômica, eclodam sérios problemas de governança e governabilidade.** A fragilidade estrutural de Dilma será sempre travestida pela alegoria da eficiência burocrática e administrativa. A instituição presidência*

da República invertebrada, fragilizada e travestida de eficiência burocrática é parte da herança nefasta de Lula.”⁵

2.5 Deficiências do modelo de desenvolvimento adotado

O Brasil vive crise sistêmica com fortes raízes estruturais. A crise abarca as dimensões econômica, social, ética, política e institucional. A principal causa estrutural da crise é que há 20 anos o país tem um modelo de desenvolvimento denominado de Modelo Liberal Periférico (MLP). O MLP tem como características marcantes: liberalização, privatização e desregulação; subordinação e vulnerabilidade externa estrutural; e dominância do capital financeiro. O MLP tem padrões específicos de dominação, acumulação e distribuição. No que se refere ao padrão de dominação, o MLP envolve pacto dos grupos dirigentes com os setores dominantes (empreiteiras, bancos, agronegócio e mineradoras) e cuja consequência é o aumento da concentração de riqueza e poder. O padrão de acumulação envolve, além de baixas taxas de investimento, o deslocamento da fronteira de produção na direção do setor primário-exportador. E, por fim, o padrão de distribuição limita-se à redistribuição incipiente da renda entre os distintos grupos da classe trabalhadora de tal forma que os interesses do grande capital são preservados, ou seja, não há mudanças na estrutura primária de distribuição de riqueza e renda (rendimentos da classe trabalhadora *versus* renda do capital).

No MLP brasileiro a trindade da Economia Política (dominação-acumulação-distribuição) é perversa visto que é sustentada por um sistema político corrupto e clientelista. Este sistema não se restringe às relações entre grupos dirigentes e setores dominantes. De fato, ele envolve sindicatos, entidades estudantis, organizações não-governamentais, intelectualidade, grupos sociais no campo da pobreza absoluta e da miséria. De fato, este sistema gera o Brasil Invertebrado, ou seja, a perda de legitimidade do Estado (executivo, legislativo e judiciário) e das instituições representativas da sociedade civil (partidos políticos, centrais sindicais e estudantis, organizações não-governamentais, etc.). Trata-se de um modelo de social-liberalismo marcado por patrimonialismo, clientelismo e corrupção e garantido pelo invertebramento e fragilidade da sociedade civil. O desempenho econômico medíocre é consequência direta do MLP>

⁵ Reinaldo Gonçalves, entrevista “Pobre Brasil! Durante muito tempo ficaremos sem transformações estruturais”. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos - IHU On-Line*, 10 de abril de 2011. Disponível: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3747&secao=356.

3. Determinantes da mediocridade esférica e campanha eleitoral

A mediocridade esférica do governo Dilma estará no centro da campanha eleitoral de 2014. Os determinantes deste fenômeno receberão maior ou menor ênfase segundo a perspectiva política, ideológica e eleitoral dos principais candidatos.

Considerando-se exclusivamente o espectro político-ideológico, da direita para a esquerda, a hierarquia dos determinantes pode ser: 1) conjuntura internacional desfavorável; 2) políticas econômicas inadequadas e ausência de reformas; 3) nulidade de liderança da presidenta; 4) déficit de governança; e 5) deficiências do modelo de desenvolvimento adotado.

O QUADRO 10 resume a hierarquia de determinantes da mediocridade esférica do atual governo segundo as candidaturas mais relevantes para a presidência da república. O candidato do PSDB, muito provavelmente, focará a crítica nas políticas econômicas inadequadas e ausência de reformas. O candidato do PSB enfatizará o déficit de governança. E o candidato do PSOL concentrará a crítica nas deficiências do modelo de desenvolvimento adotado. A única convergência é o ataque frontal à mediocridade esférica do governo Dilma e aos seus principais determinantes endógenos.

4. Síntese

Como demonstrado, na perspectiva histórica o governo Dilma é a apoteose da mediocridade. O crescimento econômico é medíocre pelos padrões internacionais atuais e pelos padrões históricos brasileiros. Durante este governo o Brasil fica para trás e isto não se explica pelo que acontece no mundo. As causas são domésticas: Modelo Liberal Periférico, o déficit de governança, nulidade de liderança e a crise de legitimidade do Estado também fazem parte da apoteose da mediocridade.⁶ Esse texto mostra a mediocridade esférica do governo Dilma: sob qualquer ângulo que se analise a geração de renda no Brasil durante o governo Dilma chega-se à mesma conclusão: resultado medíocre.

Os conservadores não conseguem fazer uma crítica consistente e realista do atual governo. E é cada vez mais raro encontrar uma crítica rigorosa e contundente pela esquerda. Nesse contexto, o governo Dilma está tentando empurrar com a barriga o impacto dos

⁶ Reinaldo Gonçalves. *Déficit de governança e crise de legitimidade do Estado no Brasil*. 13 de julho de 2013.

Disponível:

http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/texto_deficit_de_governanca_e_crise_de_legitimidade_r_goncalves_13_07_13.pdf.

problemas causados pelas fragilidades e vulnerabilidades estruturais do país, bem como pelos erros de estratégias e políticas do próprio governo. Muito provavelmente o governo chegará ainda mais enfraquecido às eleições. Mas tenta ganhar tempo, haverá um falso discurso eleitoral à esquerda e, caso haja reeleição, serão feitos ajustes de alto custo social e maiores concessões aos setores dominantes.

A eleição de Lula expressou a vontade popular de transformações estruturais e de ruptura com a herança do governo FHC. Entretanto, o transformismo dos grupos dirigentes do PT gerou grande frustração. O social-liberalismo corrompido do PT se consolidou com as transferências e políticas clientelistas e assistencialistas. Depois de 11 anos de governo há a falência do PT que tem sido absolutamente incapaz de realizar mudanças estruturais no país. Só houve a consolidação do Modelo Liberal Periférico (que reúne o que há de pior no liberalismo e na periferia) e a manutenção da trajetória de Desenvolvimento às Avessas. O transformismo petista gera frustração e revolta.

Nunca antes na história desse país, os ricos mandaram tanto capital para o exterior — algumas dezenas de milhares de brasileiros, de gente rica e muito rica. Por outro lado, no que se refere ao povo, às massas, não há as alternativas de sonegação, corrupção, enriquecimento ilícito, lavagem de dinheiro, fuga de capitais e proteção frente ao risco-Brasil e ao Desenvolvimento às Avessas. Restam os protestos populares, que são reações concretas à crescente percepção do que se tornou odioso no Brasil. Essa percepção não é mitigada por elevação do salário mínimo, bolsa família e benefício da previdência. Aqui, cabe citar a frase atribuída a Victor Hugo: “Os traidores sempre acabam por pagar por sua traição, e chega o dia em que o traidor se torna odioso mesmo para aquele que se beneficia da traição.”

QUADRO 1

Previsões de variação do PIB real do Brasil, 2014

Itaú Unibanco	1,4
INVX	1,7
Banco Brasil Plural	2,0
Consultoria Rosenberg e Associados	2,1
BACEN, FOCUS, Relatório de Mercado, 14/02/2014	1,8
Média	1,8

Fonte: *O Globo*, 15/02/2014, p. 31.

QUADRO 2

Variação percentual do PIB, segundo o mandato presidencial (média geométrica anual): 1890-2014

	Dilma 2013 = 2,3% e 2014 = 1,8%	PIB real, var. % média anual
1	Garrastazu Médici	11,9
2	Deodoro da Fonseca	10,1
3	Café Filho	8,8
4	Jânio Quadros	8,6
5	Juscelino Kubitschek	8,1
6	Costa e Silva	7,8
7	Eurico Dutra	7,6
8	Epitácio Pessoa	7,5
9	Ernesto Geisel	6,7
10	Nilo Peçanha	6,4
11	Getúlio Vargas II	6,2
12	Washington Luís	5,1
13	Itamar Franco	5,0
14	Rodrigues Alves	4,7
15	Prudente de Morais	4,5
16	José Sarney	4,4
17	Getúlio Vargas I	4,3
18	Castello Branco	4,2
19	Lula	4,0
20	Artur Bernardes	3,7
21	João Goulart	3,6
22	Hermes da Fonseca	3,5
23	Campos Sales	3,1
24	Afonso Pena	2,5
25	João Figueiredo	2,4
26	Fernando Henrique	2,3
27	Venceslau Brás	2,1
28	Dilma Rousseff (2011-13)	2,0
	Dilma Rousseff (2011-14)	1,9
29	Fernando Collor	-1,3
30	Florianópolis	-7,5
Média anual (1890-2014)		4,4

Fontes: Elaboração de Reinaldo Gonçalves.

1890-1900: Goldsmith, Raymond W. *Desenvolvimento Financeiro sob um Século de Inflação*. Rio de Janeiro: Harper & Row, 1986, p. 82.

1901-1947: Haddad, Claudio. *Crescimento econômico do Brasil, 1900-1976*. In: Neuhaus, Paulo (org.) *Economia Brasileira. Uma Visão Histórica*. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p. 21-43. Reproduzidos em IBGE (1990), p. 101.

1948-1979: IBGE (1990), p. 118-119, com base em dados da Fundação Getúlio Vargas. IBGE. *Estatísticas Históricas do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1990, 2ª edição. Ver também IBGE. *Estatísticas Século XX*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2003.

1980 em diante: IBGE. Disponível: www.ibge.gov.br.

QUADRO 3**Classificação dos 30 mandatos presidenciais segundo o número aproximado de anos necessários para a duplicação do PIB**

Número (aproximado) de anos necessários para duplicar o PIB	Número de mandatos presidenciais	Classificação
$t \leq 10$	9	excelente e ótimo
$10 < t \leq 15$	5	bom
$15 < t \leq 17$	4	regular
$17 < t \leq 20$	4	ruim
$20 < t \leq 30$	4	péssimo
$t > 30$	4	apoteose da mediocridade

Fontes: Ver QUADRO 2.

QUADRO 4

Variação % real do PIB e número de anos necessários para duplicar o PIB segundo o mandato presidencial, média anual: 1890-2014

	Mandato	Variação % real do PIB	Número de anos necessários para duplicar o PIB	Desempenho
1	Garrastazu Médici	11,9	6	Excelente
2	Deodoro da Fonseca	10,1	7	
3	Café Filho	8,8	8	
4	Jânio Quadros	8,6	8	Ótimo
5	Juscelino Kubitschek	8,1	9	
6	Costa e Silva	7,8	9	
7	Eurico Dutra	7,6	9	
8	Epitácio Pessoa	7,5	9	
9	Ernesto Geisel	6,7	10	Bom
10	Nilo Peçanha	6,4	11	
11	Getúlio Vargas II	6,2	11	
12	Washington Luís	5,1	14	
13	Itamar Franco	5,0	14	
14	Rodrigues Alves	4,7	15	Regular
15	Prudente de Moraes	4,5	16	
16	José Sarney	4,4	16	
17	Getúlio Vargas I	4,3	16	
18	Castello Branco	4,2	17	
19	Lula	4,0	18	Ruim
20	Artur Bernardes	3,7	19	
21	João Goulart	3,6	19	
22	Hermes da Fonseca	3,5	20	Péssimo
23	Campos Sales	3,1	23	
24	Afonso Pena	2,5	28	
25	João Figueiredo	2,4	29	
26	Fernando Henrique	2,3	30	
27	Venceslau Brás	2,1	33	Apoteose da mediocridade
28	<i>Dilma Rousseff</i>	1,9	37	
29	Fernando Collor	-1,3		
30	Florianópolis	-7,5		
	Média	4,4	16	

Fontes: 1890-1900: Goldsmith, Raymond W. *Desenvolvimento Financeiro sob um Século de Inflação*. Rio de Janeiro: Harper & Row, 1986, p. 82.

1901-1947: Haddad, Claudio. *Crescimento econômico do Brasil, 1900-1976*. In: Neuhaus, Paulo (org.) *Economia Brasileira. Uma Visão Histórica*. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p. 21-43. Reproduzidos em IBGE (1990), p. 101.

1948-1979: IBGE (1990), p. 118-119, com base em dados da Fundação Getúlio Vargas. IBGE. *Estatísticas Históricas do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1990, 2ª edição. Ver também IBGE. *Estatísticas Século XX*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2003.

1980 em diante: IBGE. Disponível: www.ibge.gov.br.

QUADRO 5**Hiato de crescimento - Taxa de variação do PIB real (%), Brasil e mundo: 1890-2014**

	PIB Brasil, variação real %	PIB economia mundial, var. real % (média simples)	PIB economia mundial, var. real % (mediana)	Brasil - Mundo média (simples)	Brasil - Mundo mediana
1890	11,7	3,7	3,6	8,0	8,1
1891	8,6	1,0	0,9	7,6	7,7
1892	-11,2	1,6	2,4	-12,8	-13,6
1893	-12,8	0,9	1,7	-13,7	-14,5
1894	2,3	2,6	2,1	-0,3	0,2
1895	21,5	3,5	2,9	18,0	18,6
1896	-7,2	1,3	2,4	-8,5	-9,6
1897	0,8	3,5	2,6	-2,7	-1,8
1898	5,0	4,3	3,7	0,7	1,3
1899	0,4	2,6	3,1	-2,2	-2,7
1900	-1,2	3,0	3,5	-4,2	-4,7
1901	14,4	2,7	2,0	11,7	12,3
1902	-0,5	1,9	1,4	-2,4	-1,9
1903	1,9	4,9	3,4	-2,9	-1,4
1904	1,4	1,6	1,4	-0,2	0,0
1905	3,3	2,6	2,1	0,7	1,2
1906	12,7	5,0	3,9	7,7	8,9
1907	0,8	3,2	3,2	-2,4	-2,4
1908	-3,2	0,8	0,7	-4,0	-3,9
1909	10,3	3,9	3,6	6,4	6,8
1910	2,6	3,9	3,4	-1,3	-0,8
1911	5,8	3,5	3,3	2,3	2,6
1912	6,9	3,9	3,5	3,0	3,4
1913	2,9	3,5	3,8	-0,6	-0,9
1914	-1,3	-3,1	-1,4	1,8	0,2
1915	0,3	0,7	0,5	-0,4	-0,2
1916	0,9	5,7	3,1	-4,8	-2,1
1917	9,4	-0,1	-0,6	9,5	10,0
1918	-2,0	-2,0	-1,6	0,0	-0,4
1919	7,9	4,5	6,2	3,4	1,7
1920	12,5	3,5	3,7	8,9	8,7
1921	1,9	0,2	1,4	1,7	0,5
1922	7,8	6,0	5,7	1,8	2,1
1923	8,6	4,9	4,6	3,6	4,0
1924	1,4	5,0	3,3	-3,5	-1,9
1925	0,0	5,2	4,5	-5,2	-4,5
1926	5,2	4,6	3,7	0,6	1,5
1927	10,8	3,6	3,3	7,2	7,5
1928	11,5	6,4	5,3	5,1	6,2
1929	1,1	4,1	3,3	-3,0	-2,2
1930	-2,1	-0,9	-1,2	-1,2	-1,0
1931	-3,3	-4,3	-3,6	1,0	0,3
1932	4,3	-2,8	-2,7	7,1	7,0
1933	8,9	4,6	4,1	4,3	4,8
1934	9,2	3,9	3,3	5,3	5,9
1935	3,0	4,0	3,9	-1,1	-0,9
1936	12,0	5,6	5,4	6,4	6,6
1937	4,6	5,2	5,2	-0,6	-0,6
1938	4,5	2,6	2,6	1,9	1,9
1939	2,5	5,4	5,5	-2,9	-3,1

	PIB Brasil, variação real %	PIB economia mundial, var. real % (média simples)	PIB economia mundial, var. real % (mediana)	Brasil - Mundo média (simples)	Brasil - Mundo mediana
1940	-1,0	-0,5	0,4	-0,5	-1,4
1941	4,9	2,3	1,7	2,7	3,3
1942	-2,7	0,7	0,1	-3,4	-2,8
1943	8,5	1,2	2,1	7,3	6,4
1944	7,6	-0,4	0,9	8,0	6,7
1945	3,2	-3,1	-0,1	6,3	3,3
1946	11,6	9,1	8,4	2,4	3,2
1947	2,4	7,0	5,6	-4,6	-3,2
1948	9,7	7,2	5,7	2,5	4,0
1949	7,7	5,4	5,5	2,3	2,2
1950	6,8	5,8	5,7	1,0	1,1
1951	4,9	5,0	4,8	-0,1	0,2
1952	7,3	4,4	3,7	2,9	3,6
1953	4,7	5,2	4,0	-0,5	0,7
1954	7,8	5,2	5,0	2,6	2,8
1955	8,8	4,3	3,7	4,5	5,1
1956	2,9	5,3	4,2	-2,4	-1,3
1957	7,7	4,5	3,8	3,2	3,9
1958	10,8	3,5	3,6	7,3	7,2
1959	9,8	4,9	4,7	4,9	5,1
1960	9,4	5,7	5,4	3,7	4,0
1961	8,6	4,6	4,8	4,0	3,8
1962	6,6	5,7	5,3	0,9	1,3
1963	0,6	5,6	5,1	-5,0	-4,5
1964	3,4	6,1	6,0	-2,7	-2,6
1965	2,4	5,4	5,3	-3,0	-2,9
1966	6,7	5,4	5,1	1,3	1,6
1967	4,2	4,8	4,7	-0,6	-0,5
1968	9,8	5,8	5,0	4,0	4,8
1969	9,5	6,0	5,7	3,5	3,8
1970	10,4	6,2	5,7	4,2	4,7
1971	11,3	5,1	4,9	6,3	6,4
1972	11,9	5,4	4,8	6,5	7,1
1973	14,0	5,0	5,1	9,0	8,9
1974	8,2	5,5	5,4	2,6	2,7
1975	5,2	2,5	2,6	2,7	2,6
1976	10,3	5,7	5,5	4,5	4,8
1977	4,9	4,9	4,4	0,0	0,6
1978	5,0	5,0	5,3	0,0	-0,3
1979	6,8	4,4	4,7	2,4	2,0
1980	9,2	2,8	3,3	6,4	5,9
1981	-4,3	2,6	3,0	-6,8	-7,3
1982	0,8	1,8	1,9	-1,0	-1,1
1983	-2,9	2,1	1,9	-5,1	-4,9
1984	5,4	3,7	3,9	1,7	1,5
1985	7,8	3,3	3,3	4,6	4,5
1986	7,5	3,5	3,4	4,0	4,1
1987	3,5	3,7	3,3	-0,1	0,2
1988	-0,1	4,4	4,5	-4,5	-4,6
1989	3,2	3,5	3,9	-0,4	-0,7
1990	-4,3	2,8	3,4	-7,1	-7,7
1991	1,0	1,1	2,4	-0,1	-1,4

	PIB Brasil, variação real %	PIB economia mundial, var. real % (média simples)	PIB economia mundial, var. real % (mediana)	Brasil - Mundo média (simples)	Brasil - Mundo mediana
1992	-0,5	3,2	3,2	-3,7	-3,7
1993	4,7	1,5	2,2	3,2	2,5
1994	5,3	2,2	3,6	3,1	1,7
1995	4,4	3,7	4,0	0,7	0,4
1996	2,2	4,3	4,3	-2,1	-2,1
1997	3,4	5,0	4,5	-1,6	-1,1
1998	0,0	3,7	3,7	-3,7	-3,7
1999	0,3	3,2	3,4	-3,0	-3,1
2000	4,3	3,9	4,2	0,4	0,1
2001	1,3	3,4	3,1	-2,1	-1,8
2002	2,7	3,4	3,1	-0,7	-0,4
2003	1,1	3,9	3,9	-2,8	-2,7
2004	5,7	6,6	4,9	-0,9	0,8
2005	3,2	5,5	5,1	-2,4	-1,9
2006	4,0	6,2	5,4	-2,2	-1,4
2007	6,1	5,6	5,4	0,5	0,6
2008	5,2	4,3	3,6	0,8	1,6
2009	-0,3	-0,1	0,2	-0,3	-0,6
2010	7,5	4,0	3,8	3,5	3,8
2011	2,7	3,7	3,9	-0,9	-1,2
2012	0,9	3,6	3,1	-2,8	-2,2
2013	2,3	3,3	3,3	-1,0	-1,0
2014	1,8	4,2	3,7	-2,4	-1,9

Fontes de dados para a economia mundial:

1890-1970: Maddison, Angus. *The World Economy. Historical Statistics*. Volume 2: Paris: OECD, 2006.

1971-2012: United Nations Conference on Trade and Development. UNCTADSTAT.

Disponível: http://unctadstat.unctad.org/ReportFolders/reportFolders.aspx?sRF_ActivePath=p,4&sRF_Expanded=p,4. Acesso: 21 de fevereiro de 2014.

2013-14: International Monetary Fund. *World Economic Outlook Database*, October 2013. Disponível:

<https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2013/02/weodata/index.aspx>. Acesso: 21 de fevereiro de 2014.

Dados para 2013-14 são estimativas e previsões.

Fontes de dados para a economia brasileira:

1890-1900: Goldsmith, Raymond W. *Desenvolvimento Financeiro sob um Século de Inflação*. Rio de Janeiro: Harper & Row, 1986, p. 82.

1901-1947: Haddad, Claudio. *Crescimento econômico do Brasil, 1900-1976*. In: Neuhaus, Paulo (org.) *Economia Brasileira. Uma Visão Histórica*. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p. 21-43. Reproduzidos em IBGE (1990), p. 101.

1948-1979: IBGE (1990), p. 118-119, com base em dados da Fundação Getúlio Vargas. IBGE. *Estatísticas Históricas do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1990, 2ª edição. Ver também IBGE. *Estatísticas Século XX*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2003.

1980 em diante: IBGE. Disponível: www.ibge.gov.br.

QUADRO 6**Hiato de crescimento - Diferença entre a taxa de variação % do PIB real do Brasil e do mundo (média simples e mediana): 1890-2014**

		Brasil - Mundo média			Brasil - Mundo mediana
1	Deodoro da Fonseca	7,8	1	Deodoro da Fonseca	7,9
2	Garrastazu Médici	6,5	2	Garrastazu Médici	6,8
3	Café Filho	4,5	3	Café Filho	5,1
4	Jânio Quadros	4,0	4	Jânio Quadros	3,8
5	Epitácio Pessoa	4,0	5	Juscelino Kubitschek	3,8
6	Juscelino Kubitschek	3,3	6	Epitácio Pessoa	3,3
7	Itamar Franco	3,1	7	Nilo Peçanha	3,0
8	Getúlio Vargas I	2,8	8	Costa e Silva	2,7
9	Nilo Peçanha	2,5	9	Washington Luís	2,6
10	Costa e Silva	2,3	10	Getúlio Vargas I	2,5
11	Washington Luís	2,0	11	Rodrigues Alves	2,1
12	Ernesto Geisel	2,0	12	Prudente de Moraes	2,1
13	Prudente de Moraes	1,9	13	Itamar Franco	2,1
14	Hermes da Fonseca	1,6	14	Ernesto Geisel	2,1
15	Rodrigues Alves	1,3	15	Getúlio Vargas II	1,8
16	Getúlio Vargas II	1,2	16	Venceslau Brás	1,8
17	Venceslau Brás	1,1	17	Eurico Dutra	1,5
18	Eurico Dutra	0,7	18	Hermes da Fonseca	1,3
19	Campos Sales	0,7	19	Campos Sales	0,8
20	José Sarney	0,7	20	José Sarney	0,7
21	Afonso Pena	0,0	21	Afonso Pena	0,2
22	João Figueiredo	-0,4	22	Lula (2003-2010)	0,0
23	Lula (2003-2010)	-0,5	23	Artur Bernardes	-0,2
24	Artur Bernardes	-1,1	24	João Figueiredo	-0,6
25	Castello Branco	-1,5	25	Castello Branco	-1,3
26	Fernando Henrique	-1,5	26	Fernando Henrique	-1,5
27	Dilma (2011-13)	-1,5	27	Dilma (2011-13)	-1,6
	Dilma (2011-14)	-1,8		Dilma (2011-14)	-1,6
28	João Goulart	-2,0	28	João Goulart	-1,6
29	Fernando Collor	-3,6	29	Fernando Collor	-4,3
30	Florian Peixoto	-9,0	30	Florian Peixoto	-9,3

Fonte: Ver QUADRO 5.

QUADRO 7

Posição média do Brasil no *ranking* mundial padronizado segundo o mandato presidencial: 1890-2014

	Mandatos	Posição média do Brasil no <i>ranking</i> mundial padronizado*
1	Deodoro da Fonseca	96
2	Café Filho	92
3	Garrastazu Médici	90
4	Jânio Quadros	85
5	Juscelino Kubitschek	76
6	Costa e Silva	70
7	Getúlio Vargas II	70
8	Itamar Franco	69
9	Hermes da Fonseca	67
10	Epitácio Pessoa	65
11	Ernesto Geisel	64
12	Nilo Peçanha	63
13	Getúlio Vargas I	63
14	Washington Luís	61
15	Eurico Dutra	61
16	Rodrigues Alves	60
17	José Sarney	56
18	Venceslau Brás	52
19	Prudente de Morais	50
20	Lula	49
21	João Figueiredo	48
22	Artur Bernardes	46
23	João Goulart	39
24	Castello Branco	38
25	Afonso Pena	38
26	Campos Sales	36
27	Fernando Henrique	36
28	Dilma (2011-13)	33
	Dilma (2011-14)	30
29	Fernando Collor	22
30	Florianópolis	20

Fonte: Ver QUADRO 5.

Nota: o indicador refere-se ao percentil $[(p = (X - 1) / (N - 1)) \times 100]$. Sendo X a posição do Brasil no *ranking* mundial (ordem decrescente) e N o número total de países da amostra. O percentil 30% significa que o dado (taxa de variação do PIB) ordenado do Brasil é maior do que os primeiros 30% dos dados ordenados de forma decrescente e menor do que os 70% dos dados da amostra.

QUADRO 8**Diferença entre a taxa de variação % do PIB real do Brasil e do conjunto dos países em desenvolvimento (média simples e mediana): 2011-2014**

	2011	2012	2013	2014	Média 2011- 13	Média 2011- 14
PIB Brasil, variação real %	2,7	0,9	2,3	1,8	2,0	1,9
PIB Países em desenvolvimento - média	4,1	4,4	3,9	4,8	4,1	4,3
PIB Países em desenvolvimento - mediana	4,5	4	3,7	4,1	4,1	4,1
Brasil - Países em desenvolvimento (média)	-1,4	-3,5	-1,6	-3,0	-2,2	-2,4
Brasil - Países em desenvolvimento (mediana)	-1,7	-3,1	-1,4	-2,3	-2,1	-2,1
Posição do Brasil	108	125	110	134	114	119
Número de países	152	153	153	153	153	153
Percentil - Brasil - menor do que os demais	71	82	72	88	75	78
Percentil - Brasil - maior do que os demais	29	18	28	13	25	22

Fonte: FMI.

QUADRO 9**Diferença entre a taxa de variação % do PIB real do Brasil e do conjunto dos países da América Latina e do Caribe (média simples e mediana): 2011-2014**

	2011	2012	2013	2014	Média 2011- 13	Média 2011- 14
PIB Brasil, variação real %	2,7	0,9	2,3	1,8	2,0	1,9
América Latina e Caribe - média	3,6	2,9	3,0	3,1	3,2	3,2
América Latina e Caribe - mediana	4,2	3,3	2,7	3,2	3,4	3,4
Brasil - América Latina e Caribe (média)	-0,9	-2,0	-0,7	-1,3	-1,2	-1,2
Brasil - América Latina e Caribe (mediana)	-1,5	-2,4	-0,4	-1,4	-1,4	-1,4
Posição do Brasil	20	24	18	25	21	22
Número de países	32	32	32	32	32	32
Percentil - Brasil - menor do que os demais	61,3	74,2	54,8	77,4	63	67
Percentil - Brasil - maior do que os demais	38,7	25,8	45,2	22,6	37	33

Fonte: FMI.

QUADRO 10**Hierarquia da crítica de oposição na campanha presidencial de 2014**

Hierarquia	Aécio Neves (PSDB)	Eduardo Campos (PSB)	Randolfe Rodrigues (PSOL)
1	políticas econômicas inadequadas e ausência de reformas	déficit de governança	deficiências do modelo de desenvolvimento adotado
2	déficit de governança	políticas econômicas inadequadas e ausência de reformas	déficit de governança
3	nulidade de liderança da presidenta	deficiências do modelo de desenvolvimento adotado	políticas econômicas inadequadas e ausência de reformas
4	conjuntura internacional desfavorável	nulidade de liderança da presidenta	nulidade de liderança da presidenta
5	deficiências do modelo de desenvolvimento adotado	conjuntura internacional desfavorável	conjuntura internacional desfavorável

Fonte: Elaboração do autor.